

Tavares da Silva, C. (1989) - O Largo e a Igreja de Jesus de Setúbal: uma abordagem arqueológica. In *Convento de Jesus. 500 anos. Arqueologia e História*. Setúbal: Câmara Municipal de Setúbal, p.5-21.

## O Largo e a Igreja de Jesus de Setúbal: uma abordagem arqueológica

Por Carlos TAVARES DA SILVA

**A**s recentes escavações arqueológicas realizadas pelo Museu de Arqueologia e Etnografia de Setúbal, por iniciativa do Instituto Português do Património Cultural, na Praça Miguel Bombarda, mais conhecida por Largo de Jesus, junto da igreja do convento do mesmo nome, permitiram, pela primeira vez, uma “leitura” arqueológica quer da evolução geomorfológica e da ocupação humana da área abrangida pela referida praça, quer daquele importante monumento até agora objecto de diversos estudos efectuados sob uma perspectiva exclusivamente histórico-artística.

Os resultados a que chegámos contrariam, por vezes, hipóteses defendidas através daquela última via. O confronto que, deste modo, se inicia poderá vir a revelar-se assaz profícuo na medida em que obrigará, no que concerne à Igreja do Convento de Jesus, ao íntimo contacto entre dois domínios do conhecimento que, debruçando-se, frequentemente, sobre o mesmo objecto de estudo, como sucede no presente caso, raramente se encontram no âmbito de uma relação interdisciplinar.

Creemos que o I.P.P.C., ao promover as escavações arqueológicas no Convento de Jesus, antes das obras previstas para esse local, atitude seguida igualmente em relação ao Mosteiro da Flor da Rosa (Crato), inaugura uma nova fase no estudo e recuperação dos monumentos medievais e modernos. Por um lado, a Arqueologia Medieval/Moderna recebe novo impulso; por outro, salvam-se elementos de estudo ameaçados pela realização das obras; por fim, fortalece-se a interacção Arqueologia-História da Arte.

### A Escavação

Os trabalhos arqueológicos<sup>(1)</sup> desenvolveram-se, principalmente, ao longo de uma faixa, com 4 m. a 6 m. de largura<sup>(2)</sup>, adjacente e paralela às fachadas sul e este da Igreja de Jesus. Pretendia-se, assim, conhecer, em primeiro lugar, a parte inferior dessas fachadas, soterradas em quase 2 m. da sua altura, e a relação estrutural entre vários elementos arquitectónicos das mesmas (corpo da igreja-capela mor, contrafortes-paredes do corpo da igreja e da capela mor), com vista à obtenção de dados relativos às fases de construção do monumento. O segundo grande objectivo procurava apreender a evolução geomorfológica da área abrangida, a partir dos finais do séc. XV, pela praça fronteira à Igreja, bem como conhecer as transformações que aquela sofreu até aos nossos dias (aterros, pisos). Assim, procedemos à abertura de sondagens a sul da referida faixa<sup>(3)</sup>.

Na primeira área, removida a camada (C) superficial (S), constituída por saibro amarelado (0,20 m. a 0,25 m. de espessura), correspondente ao piso actual da Praça<sup>(4)</sup>, surgiu o topo de um muro com cerca de 0,35 m. a 0,50 m. de largura, formado por blocos não aparelhados, ligados por abundante argamassa de cal e areia. Estendia-se por 64 metros, ao longo de toda a fachada principal da Igreja, à qual era paralelo e distando dela cerca de 4 m. Na extremidade oeste encurvava para norte, indo adossar-se, de topo, e perpendicularmente à parede da Igreja; na extremidade este encurvava igualmente para norte, seguindo

paralelamente à cabeceira. O espaço assim delimitado revelou, abaixo da C.S., um enchimento formado por uma única camada (C.1 — argila castanha) que, com a espessura de 1,2 m., atingia a base do muro, bem como a da parede da Igreja e que assentava, entre o portal da Igreja e a extremidade oeste, sobre um lajeado de que restavam os negativos das lajes, moldados na sub-base de argamassa de cal e areia; entre o portal e a zona da cabeceira, assentava directamente sobre a C.11 (solo existente quando da construção da Igreja). A C.1 forneceu algumas cerâmicas, designadamente faianças, atribuíveis ao séc. XX.

Fora daquele espaço aparentemente fechado, a C.S. repousava sobre um nível de areia argilosa castanha escura (C.2), compacta, com ca. 0,05 m. de espessura e contendo alguns fragmentos de cerâmica pertencentes ao século XX; corresponde a um piso da Praça, que encostava à face sul do muro. Ao longo deste, identificou-se a respectiva vala de construção que, preenchida por um sedimento semelhante ao da C.2 e formada a partir da base deste nível, cortava as Cs.4 a 11. Deste modo, aquele muro teria sido construído pouco antes da formação do piso da Praça a que corresponde a C.2, ou seja, provavelmente no primeiro quartel do nosso século.

Com essa construção procurou-se criar um “fosso” ao longo das fachadas principal e posterior da Igreja, com cerca de 4 m. de largura e cujo fundo ficaria 1 m. abaixo do nível do piso da praça de então. Desconhecemos a função de tal recinto, mas sabemos que teria sido utilizado durante pouco tempo: construído já no séc. XX, encontrava-se colmatado (pela C.1) em 1938, data da elaboração dos painéis de azulejos da estação da CP do Pinhal Novo, da autoria do pintor João Rodrigues, e onde, no painel dedicado ao portal da Igreja de Jesus, o referido “fosso” e o muro que o delimitava não figuram<sup>(5)</sup>.

A escavação realizada no exterior do “fosso” revelou, sob a C.2, uma sequência estratigráfica correspondente, em grande parte, aos sucessivos pisos e aterros que a Praça foi recebendo, desde o século XV-XVI (C.10) ao século XIX/XX (C.3), sequência destruída junto das paredes da Igreja pela abertura do “fosso”. Assim, de cima para baixo, observámos:

C.3 — Areia argilosa amarelada e compacta. Esp. ca. 0,15 m. Cortada pela vala de construção do muro que delimita o “fosso”.

C.4 — Areia argilosa castanha escura. Esp. ca. 0,15 m. Cortada pela vala de construção do muro que delimita o “fosso”

C.5 — Pavimento empedrado (blocos e calhaus subrolados), existente numa faixa paralela à fachada sul da Igreja (detectado até 6 m. a contar da mesma); foi cortado pela vala de construção do muro que delimita o “fosso”. Fora dessa faixa, para o centro da Praça, o pavimento é formado por areia grossa e batida, por vezes misturada com cal e areia (Q.P.97) ou com calhaus rolados (Q.P.86). Entre os blocos e calhaus do empedrado surgiram abundantes fragmentos de cerâmica de superfícies vermelhas e brunidas, por vezes decoradas por incisões; cachimbo holandês de cerâmica. No Q.P.97 surgiu, sobre o piso, uma moeda de D. João V (X Reis, com data de 1726)<sup>(6)</sup>.

C.6 — Sob o empedrado: areia argilosa castanha escura com calhaus angulosos; esp. 0,10 a 0,15 m.; cortada pela vala de construção do muro que delimita o “fosso”. Fora dessa zona: areia argilosa muito compacta com numerosos calhaus e blocos angulosos e fragmentos de cerâmica de construção. Esta camada, que se comporta como a sub-base do pavimento da C.5, forneceu material datável do séc. XVII: fragmentos de pratos fundos esmaltados a branco com decoração floral estilizada a azul cobalto e motivos violáceos; majólica italiana esmaltada a azul, fragmentos de azulejos enxaquetados de cor azul (abundantes) e de azulejos de padrão com motivos azuis e amarelos; malhas de jogo obtidas a partir de fragmentos de recipientes de cerâmica, duas delas com vidro melado.

C.7 — Piso constituído por “brita” e calhaus angulosos rosados obtidos a partir de brecha da Arrábida. Esp. 0,07 a 0,10 m. Reconhecido nos Qs. Z100, P97 e P86. Cortado pela vala de construção do muro que delimita o “fosso”. Ofereceu um numisma (V reis) de D. Sebastião<sup>(7)</sup>.

C.8 — Areia argilosa castanha escura. Esp. ca. 0,10-0,15 m. No Q. Z100 forneceu abundantes alfinetes de cabelo, alguns numismas, fragmentos de recipientes de cerâmica e malhas de jogo de cerâmica. Esta camada apresenta variações laterais: no Q.P97 contém fragmentos de argamassa de cal e areia. É datável do séc. XVI: pratos esmaltados a branco e com *omphalus* no fundo; pratos esmaltados a branco com decoração geométrica a azul cobalto; pratos revestidos por vidro melado; alguidares esmaltados a verde; moedas de D. Manuel (ceitil), D. João III (ceitil e real) e D. Sebastião (três reais)<sup>(8)</sup>.

C.9 — Piso mal estruturado formado, no Q.Z100, onde foi cortado pela vala de construção que delimita

o "fosso", por fragmentos de telhas, argamassa de cal e areia e calhaus angulosos (cerca de 0,10 m. de espessura); no Q.P97 é mais espesso (0,20 a 0,25 m.) e constituído por numerosos blocos e calhaus angulosos e "brita" calcária. Forneceu fragmentos de recipientes cerâmicos integráveis no séc. XVI: escudela carenada esmaltada a branco; taças com superfícies meladas; alguidar esmaltado a verde<sup>(9)</sup>.

C.10 — Piso muito semelhante ao da C.7, com a espessura de 0,05 m. No Q.Z100 possui sub-base com alguns blocos angulosos que preenchem depressões da C.11 (esp. máx. 0,20 m.); no Q.P97 a sub-base é constituída por saibro amarelo muito compacto (esp. ca. 0,05m.). Surgiu uma escudela carenada esmaltada a branco

Seguem-se os estratos que precederam a construção da Igreja e o aparecimento da Praça:

C.11 — Argila castanho-acinzentada ou avermelhada compacta, por vezes rica em conchas de moluscos pulmonados, de fácies continental. Esp. ca. 0,4m. no Q.P97 e 1,3m. no Q.Z86. A Igreja foi construída sobre esta camada.

C.12 — Somente identificada no Q.P97 onde tem o carácter de bolsa formada na base da C.11. Com a espessura máxima de 0,15m, esta bolsa era formada por argila negra e muito plástica, contendo abundantes fragmentos de cerâmica, conchas de moluscos marinhos e osso de mamíferos. Parece corresponder a uma lixeira formada em ambiente húmido talvez no séc. XIV<sup>(10)</sup>

C.13 — Argila cinzento-esverdeada escura, muito compacta. Arqueologicamente estéril. Espessura indeterminada. foi identificada nos Qs. P97, P86 e Z86. Trata-se de um horizonte *gley* formado em ambiente redutor característico de um sistema estuarino-lagunar.

Além da sequência estratigráfica geral que acabámos de apresentar e das estruturas a que já aludimos (pisos da Praça e muro que delimitava o "fosso"), a escavação proporcionou outros elementos de carácter construtivo respeitantes, designadamente, à Igreja do Convento de Jesus.

A escavação realizada em profundidade, e que atingiu as fundações das fachadas sul e este da Igreja, nos Qs. P102, AA-AB/102 e AI 104, mostrou que os contrafortes 2, 6 e 8 (de oeste para este: o primeiro reforçando a parede do corpo da Igreja; o segundo, na ligação do corpo da Igreja com a capela-mor e o último, na cabeceira) teriam sido construídos na mesma fase em que foram erguidas as paredes por eles

reforçadas. Com efeito, notou-se que:

1. Na zonas inferiores dessas estruturas, que não foram objecto dos trabalhos (tomada de juntas, consolidação e revestimento dos rebocos exteriores) levados a efeito, nos anos 40, pela Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais<sup>(11)</sup>, por então se encontram soterradas, é nítido o encastramento dos contrafortes nas paredes do edifício;

2. O soco de pedra das paredes, que se apresenta como roda-pé chanfrado, termina, de forma perfeitamente acabada, no ponto onde começam os contrafortes sem que estes se tenham sobreposto ou destruído aquele.

3. O alicerce dos contrafortes faz corpo com o das paredes. Ter-se-ia, pois, construído um alicerce único que recebeu paredes e contrafortes.

Pode ainda inferir-se que os alicerces do corpo da Igreja e da capela-mor foram implantados na mesma fase já porque obedecem à mesma tipologia, já porque não se observa qualquer solução de continuidade na ligação, feita pelo contraforte 6, entre o corpo da Igreja e a capela-mor.

Pelo contrário, o contraforte 3, que escora a parede divisória do coro alto, e o portal da Igreja pertencem a fase posterior. Assim, a zona inferior do contraforte 3 (Qs. Q-R/102), que é, aliás, muito mais baixo que os restantes, não se apresenta encastrada na parede da Igreja, mas tão-somente adossada; sobrepõe-se ao soco da parede (roda-pé) da mesma; o seu alicerce não faz corpo com o da parede.

Também as bases dos contrafortes que integram o portal foram simplesmente adossados aos contrafortes 4 e 5, sobrepondo-se ao soco de pedra destes.

A escavação efectuada nos Qs. R-S/102 revelou a existência do alicerce de um muro (de blocos irregulares ligados por abundante argamassa de cal e areia e com 0,6 m. de espessura). Situado entre os contrafortes 3 e 4, é nitidamente tardio: sobrepunha-se ao soco de pedra do contraforte 4; a camada de enchimento do espaço compreendido pelo alicerce e a parede da Igreja, camada em conexão com ele, forneceu cerâmica datável do século XVII, designadamente fragmentos de faianças decoradas a azul cobalto e violeta sobre fundo branco. Trata-se, sem dúvida, do alicerce da parede da caixa da escada que dava acesso ao varandim do coro-alto. Essa construção teria ocorrido, pois, nos finais do séc. XVII ou nos inícios do século seguinte, tendo sido demolida pela Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais nos anos 40<sup>(12)</sup>.

## Esboço de periodização

Os elementos recolhidos através da escavação realizada no Largo de Jesus permitem traçar o seguinte quadro evolutivo quanto à ocupação e construção desse espaço:

1. Até cerca do século XIV, o local encontrava-se inundado e fazia parte de sistema estuarino-lagunar a que corresponderia um ecossistema de sapal.

2. Durante o séc. XIV evolui-se possivelmente para um sapal alto que cobriria os solos argilosos da plataforma de preamar de águas vivas, interrompida por canais e poças de maré. Numa destas poças ter-se-iam acumulado os detritos (fragmentos de cerâmica e restos de alimentação da C.12 do Q. P97) resultantes de ocupação humana localizada nas proximidades.

3. No séc. XV a área estaria, em parte, emersa (C11, rica em conchas de moluscos pulmonados).

4. Na última década do séc. XV é contruída a Igreja de Jesus<sup>(13)</sup>. Perante um terreno compressivo, procede-se à abertura de caixa ou cabouco que se enche com enrocamento de pedra e argamassa de cal e areia. Cria-se assim uma base que irá receber um soco de pedra trabalhada, formando roda-pé chanfrado, sobre o qual se levantam as paredes e os contrafortes. Em fase posterior, ergue-se o portal bem como o contraforte 3 que, ao contrário dos restantes, não atinge a cimalha da fachada principal e se destina a reforçar a parede divisória do coro alto construída na mesma fase<sup>(14)</sup>.

5. Na passagem do século XV para o XVI surge o primeiro piso estruturado da Praça (de gravilha e cascalho de brecha da Arrábida) que cobre uma área com pelo menos 30 metros de largura, da fachada principal da Igreja para sul).

6. Na primeira metade do séc. XVI a Praça recebe novo piso, ficando com uma cota de 0,1 a 0,2 m. acima da do primeiro.

7. Na segunda metade do séc. XVI, novo piso, estruturado como o primeiro (gravilha e cascalho de brecha da Arrábida) e a cerca de 0,3 m. acima dele.

8. Nos finais do século XVII ou inícios do século seguinte constroi-se o quarto piso da Praça, após obras importantes realizadas certamente na Igreja (presença de abundantes azulejos enxaquetados do séc. XVII na camada imediatamente subjacente — C.6). É formado por empedrado numa faixa com cerca de 6 metros de largura que se estende ao longo da fachada principal da Igreja, e, para Sul, por areia batida, por vezes com restos de argamassa de cal e

areia e calhaus. Este piso poderia ter funcionado até ao séc. XIX.

9. Sensivelmente pela mesma época (passagem do séc. XVII para o XVIII) é construída a caixa da escada de acesso ao varandim do coro, que se salienta exteriormente, na fachada principal, através de maciço ladeado pelos contrafortes 3 e 4.

10. Após a formação do aterro e piso a que correspondem, respectivamente, as Cs. 4 e 3, é contruído, já no nosso século, um muro paralelo às fachadas sul e este da Igreja, destinado a delimitar um “fosso” que corre ao longo das mesmas fachadas e cujo fundo atinge a cota do primeiro piso da Praça. No exterior desse “fosso”, a Praça recebe um piso de areia argilosa a que corresponde a C.2. No interior, na sua metade oeste, o “fosso” é lajeado com placas de calcário.

11. Em data anterior a 1938, o referido “fosso” é colmatado com argila (C.1) e o muro, arrasado superiormente. Forma-se o piso actual da Praça (C.S.)

## Notas

<sup>(1)</sup> Os trabalhos arqueológicos, que decorreram entre 28 de Dezembro de 1988 e 15 de Março de 1989, foram promovidos pelo I.P.P.C. e contaram com a colaboração do Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (M.A.E.D.S.) e da Câmara Municipal de Setúbal; foram dirigidos pelo signatário, coadjuvado por Júlio Costa (M.A.E.D.S.); o desenho esteve a cargo de Jorge Costa e de Victor Cruz, elementos do mesmo museu.

<sup>(2)</sup> Abrangeu os quadrados (Qs.) E 100-102, F 100-102, G 100-102, H 100-102, I 100-102, J 100-102, K 100-102, L 100-102, M 100-102, N 100-102, O 100-102, P 100-102, Q 100-102, R 100-102, S 100-102, T 100-102, U 100-102, V 100-102, W 100-102, X 100-102, Y 100-102, Z 100-102, AA 100-102, AB 100-102, AC 100-102, AD 100-102, AE 100-102, AF 100-102, AG 100-102, AH 100-102, AI 100-108, AJ 100-108 e AK 100-108. Estes quadrados integram uma quadrícula, implantada por nós, constituída por unidades com 2 m. de lado, designadas por letras maiúsculas (de oeste para este) e números árabes (de sul para norte); foi orientada segundo o norte magnético.

<sup>(3)</sup> Qs. P96-99, Qs. Q96-99, P86 e Z86.

<sup>(4)</sup> Nos Qs. P-Q 96-99 a C.S. era formada pelo pavimento de alcatrão da rua actual e respectivo enrocamento de terra e pedras.

<sup>(5)</sup> Também nas fotografias e plantas publicadas pela Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais ("Igreja do Mosteiro de Jesus de Setúbal", *Boletim da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais*, 47, 1947) que apresentam a Igreja e a Praça antes dos trabalhos efectuados por essa Direcção Geral, o referido "fosso" não surge representado.

<sup>(6)</sup> Os numismas exumados no Largo de Jesus foram estudados pelo Coronel José A. Carvalho Fernandes a quem muito agradecemos.

X Reis 1726

Anv.: IOANNES. V. DEI. GRATIA

Rev.: PORTUGALIAE. ET. ALGARBIORVM. REX

<sup>(7)</sup> V Reis de D. Sebastião. Moeda em mau estado de conservação. Visíveis apenas alguns detalhes do reverso.

<sup>(8)</sup> Ceitil de D. Manuel I

— Escudo entre 3 aneletes

(.EMAN) NEL.: P. R: P: ET. ^ D (...)

— 3 torres banhadas pelo mar

EMANVEL.....

Ceitil de D. João III

— Escudo entre 3 aneletes

IOANES. 3. R. POR

— 3 torres banhadas pelo mar

XIOANES. 3. R. POR

Real de D. João III

Anv. IO. III / R. PA

Rev. R coroado, entre duas estrelas

Reais de D. Sebastião

Anv.: SEBAS TIA / NVS / I em 4 linhas

na orla: PORTUG. ET. ALGAR. B. R. AFRIC

Rev.: Escudo coroado entre L à esq. e 3 à dir.

<sup>(9)</sup> Agradecemos ao Arqt.<sup>o</sup> Mário Varela Gomes as informações que nos facultou sobre a tipologia e cronologia das cerâmicas encontradas.

<sup>(10)</sup> Quer por razões estratigráficas (nível anterior à construção, na última década do séc. XV, da Igreja do Convento de Jesus), quer por motivos de ordem tipológica, com paralelos na própria cidade de Setúbal (escavações na Travessa da Portuguesa e no Largo da Misericórdia), datamos o conjunto de cerâmica aí recolhido no século XIV.

<sup>(11)</sup> Op. cit. nota 5

<sup>(12)</sup> Op. cit. nota 5, fig. 15

<sup>(13)</sup> F.A. Baptista Pereira, "A Génese da Igreja e do Convento de Jesus de Setúbal", presente volume.

<sup>(14)</sup> Op. cit. nota 13

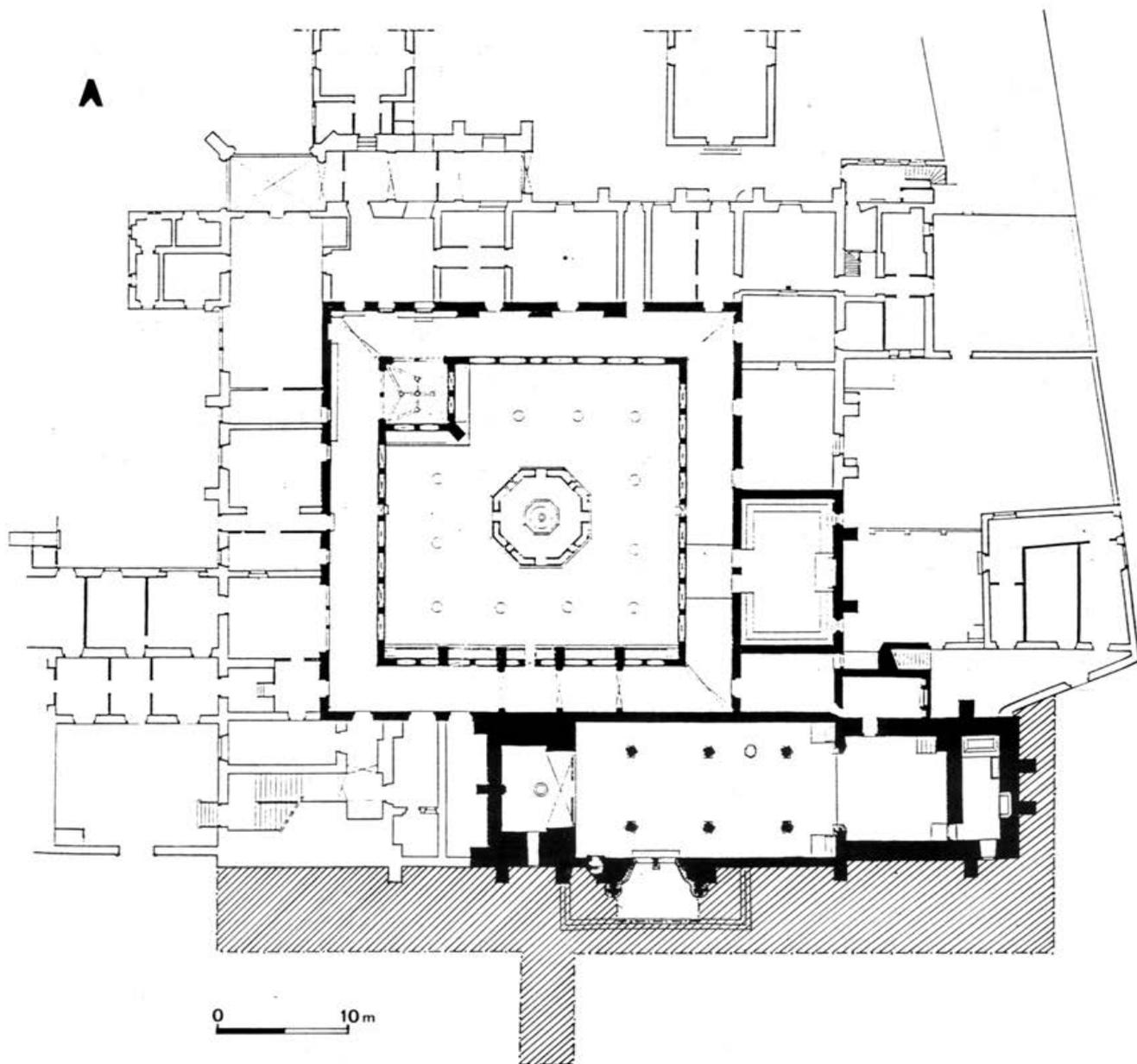


Fig. 1 — Largo de Jesus. Localização da área escavada (a tracejado).

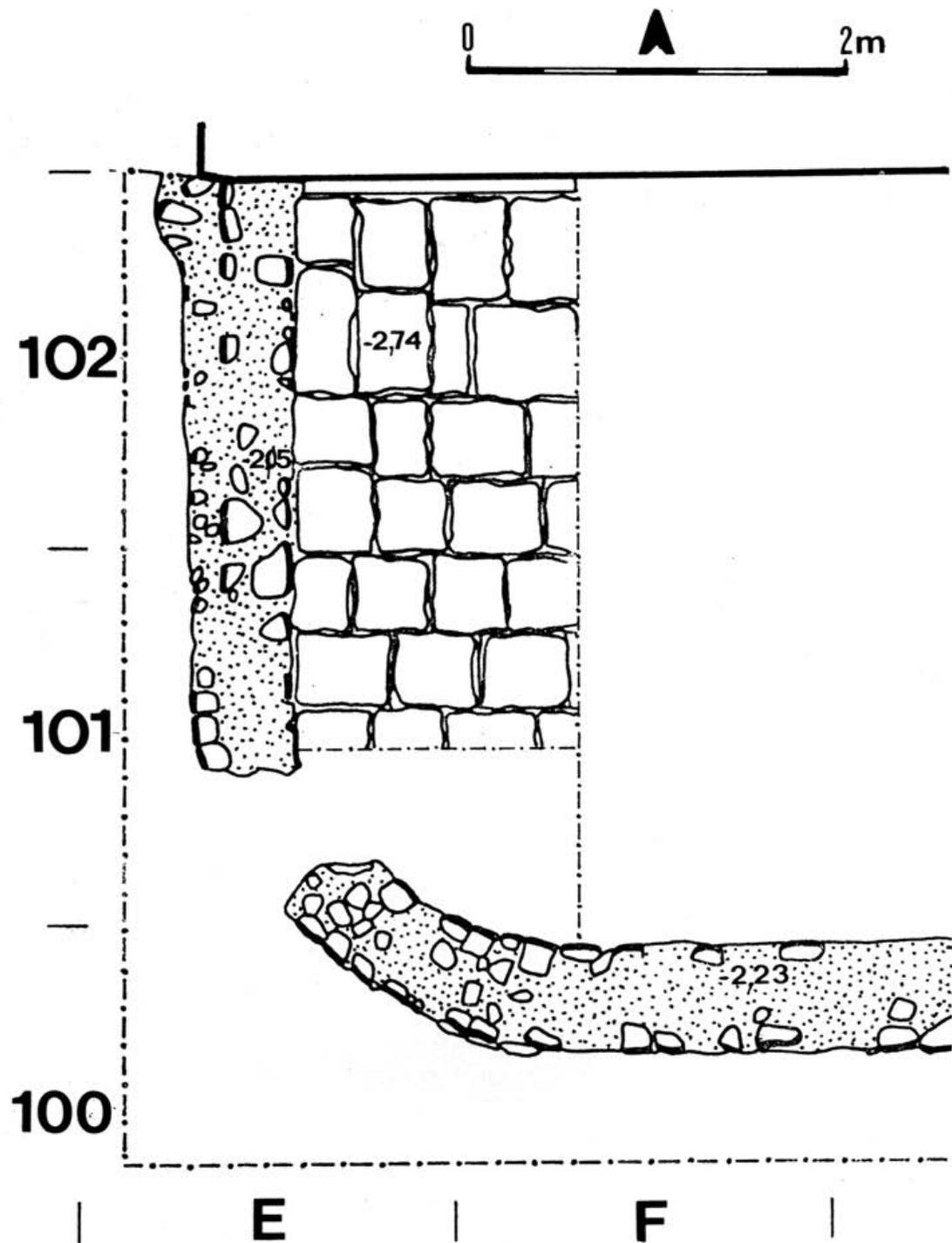


Fig. 2 — Largo de Jesus. Planta da extremidade oeste do “fosso” construído no primeiro quartel do séc. XX. Atenda-se aos negativos das lajes que pavimentavam o interior do fosso.

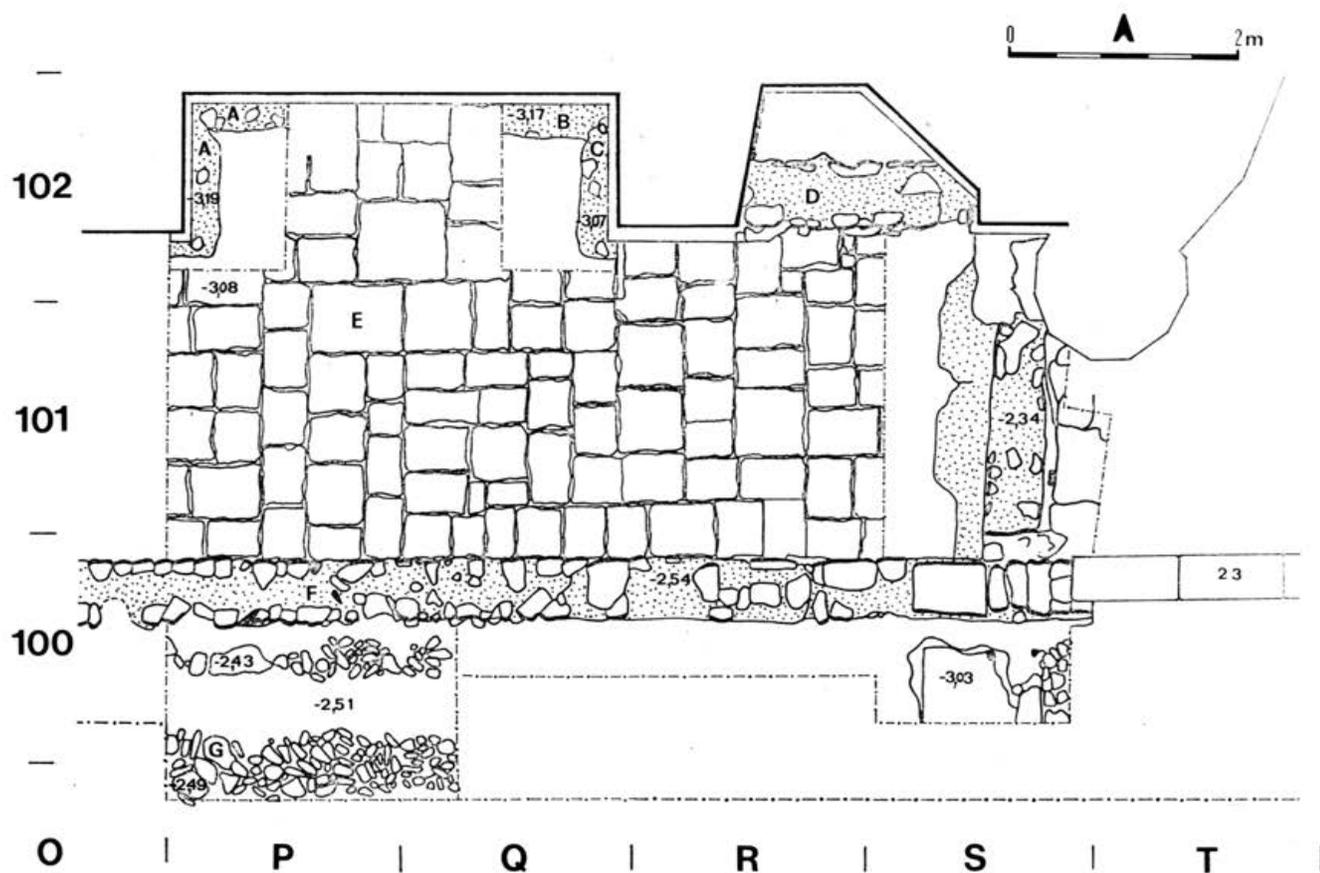


Fig. 3 — Largo de Jesus. Planta da área escavada nos Qs. P-T/100-102, sendo de notar: A-alicerce do contraforte 2 e da parede da Igreja; B-alicerce da parede da Igreja; C-alicerce do contraforte 3; D-alicerce da caixa da escada de acesso ao coro; E-pavimento do "fosso" do primeiro quartel do séc. XX; F-muro do mesmo "fosso"; G-empedrado da Praça (séc. XVII-XVIII) cortado por vala recente, de canalização de água.

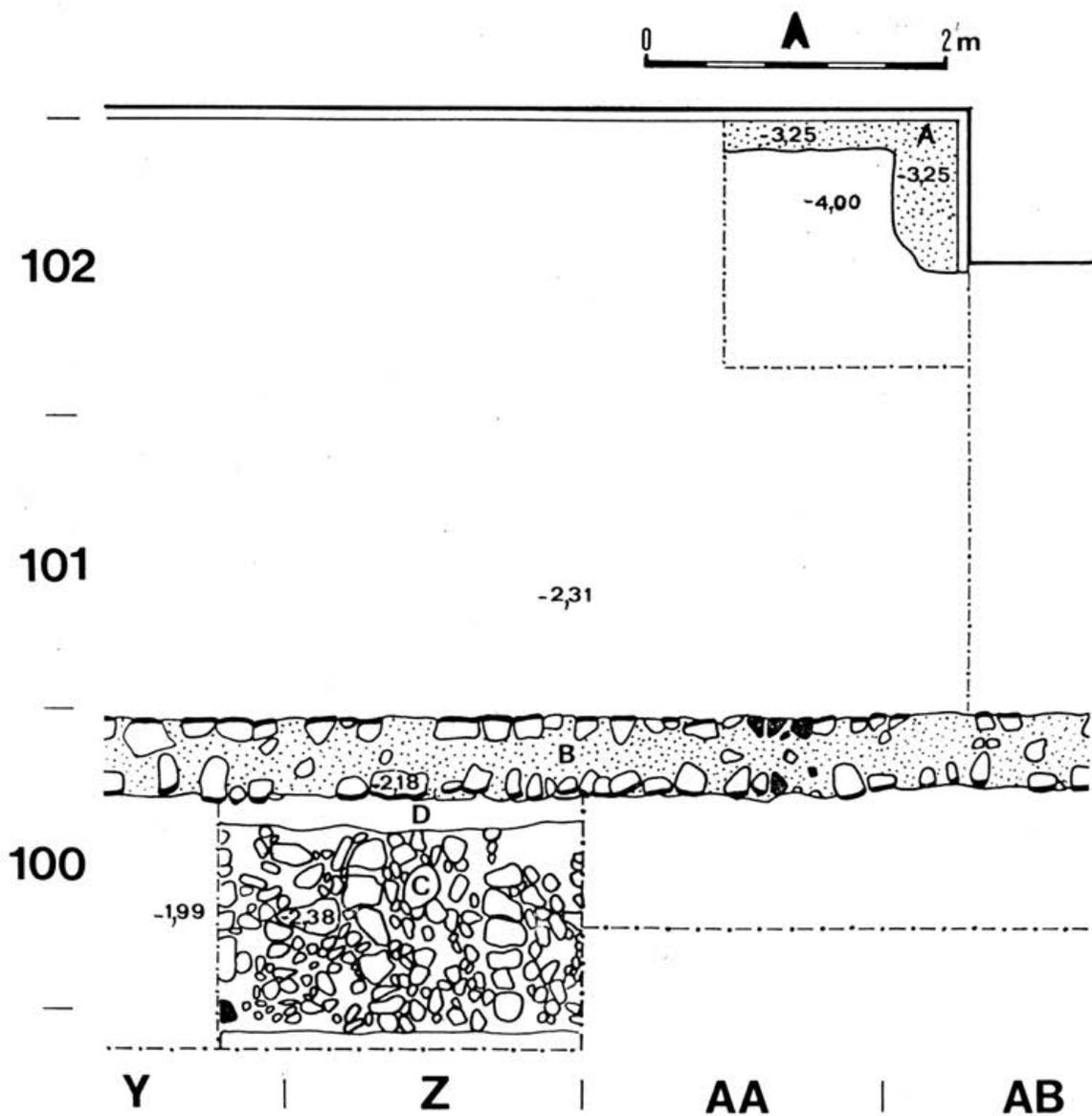


Fig. 4 — Largo de Jesus. Planta da área escavada nos Qs. Y-AB/100-102, notando-se: A-Alicerce da parede da igreja e do contraforte 6; B-muro do "fosso"; C-piso (empedrado) da Praça, dos finais do séc. XVII ou início do século seguinte; D-vala de construção daquele muro, que cortou o empedrado.

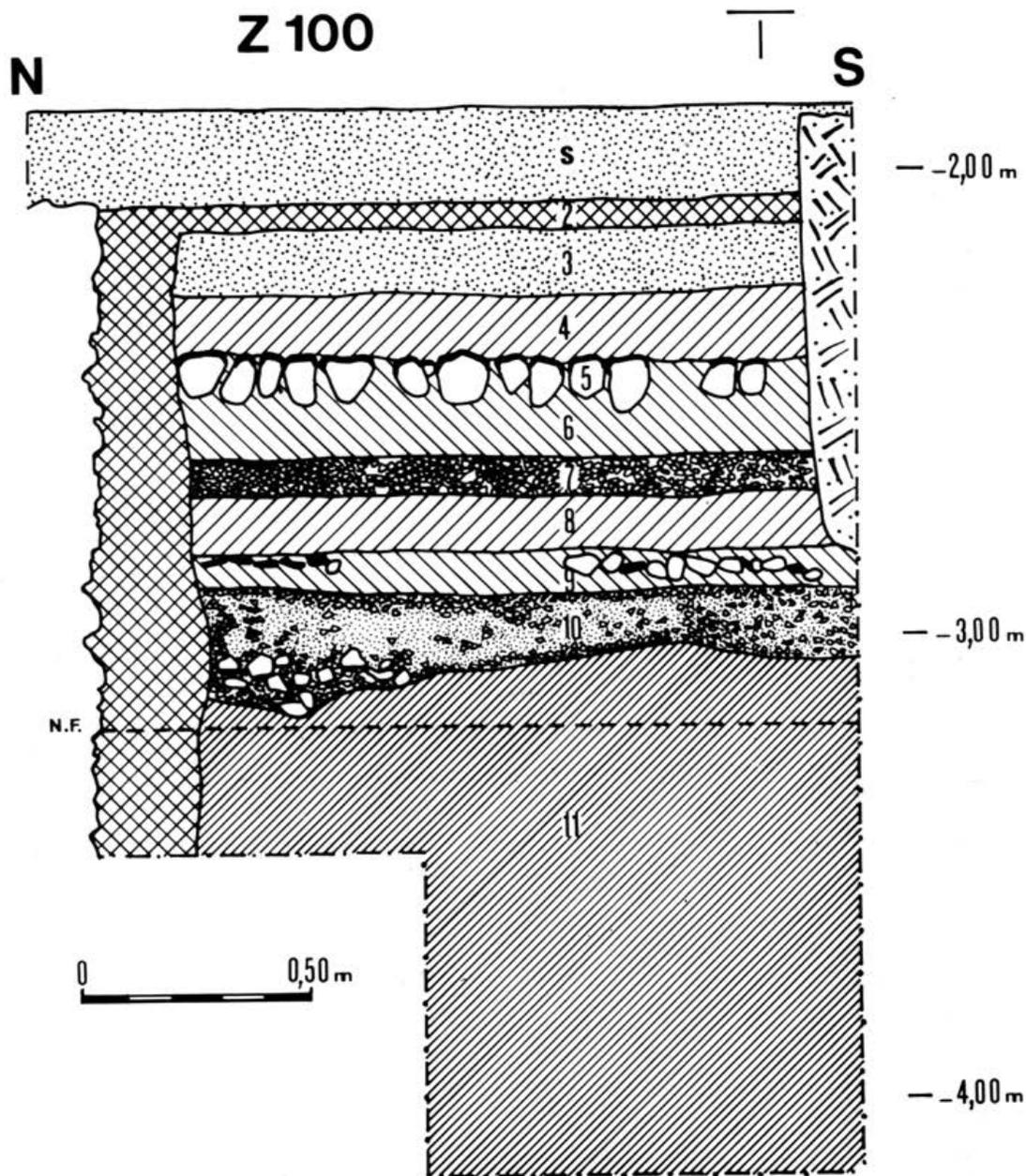


Fig. 5 – Largo de Jesus. Perfil este do Q. Z100, com seqüência de pisos e aterros que a Praça recebeu desde os finais do séc. XV inícios do séc. XVI (C.10) até à actualidade (C.S). Notar a vala de construção do muro do "fosso" que cortou as Cs. 3 a 11.

# P 97

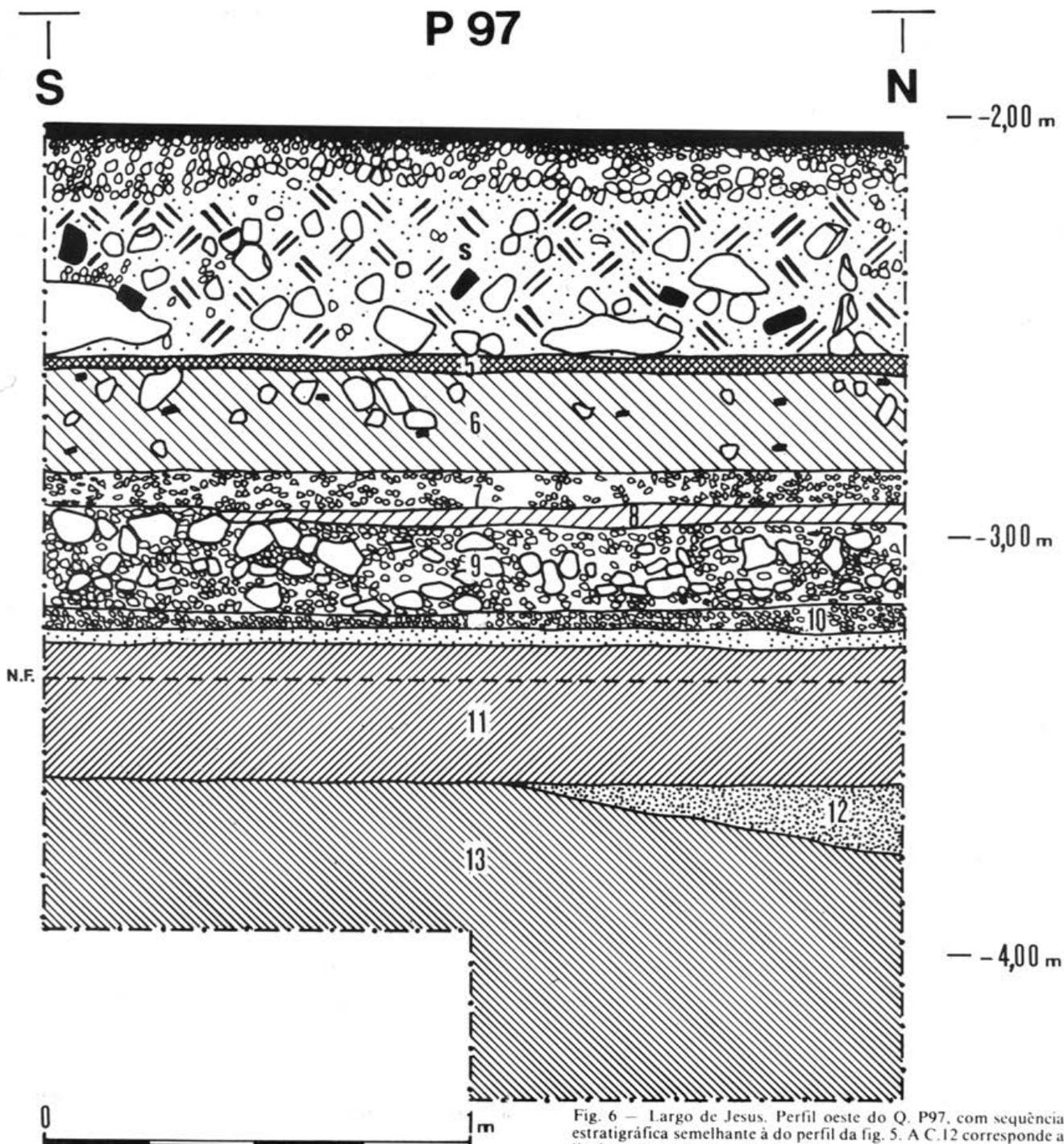


Fig. 6 — Largo de Jesus. Perfil oeste do Q. P97, com sequência estratigráfica semelhante à do perfil da fig. 5. A C.12 corresponde a lixeira provavelmente do séc. XIV.

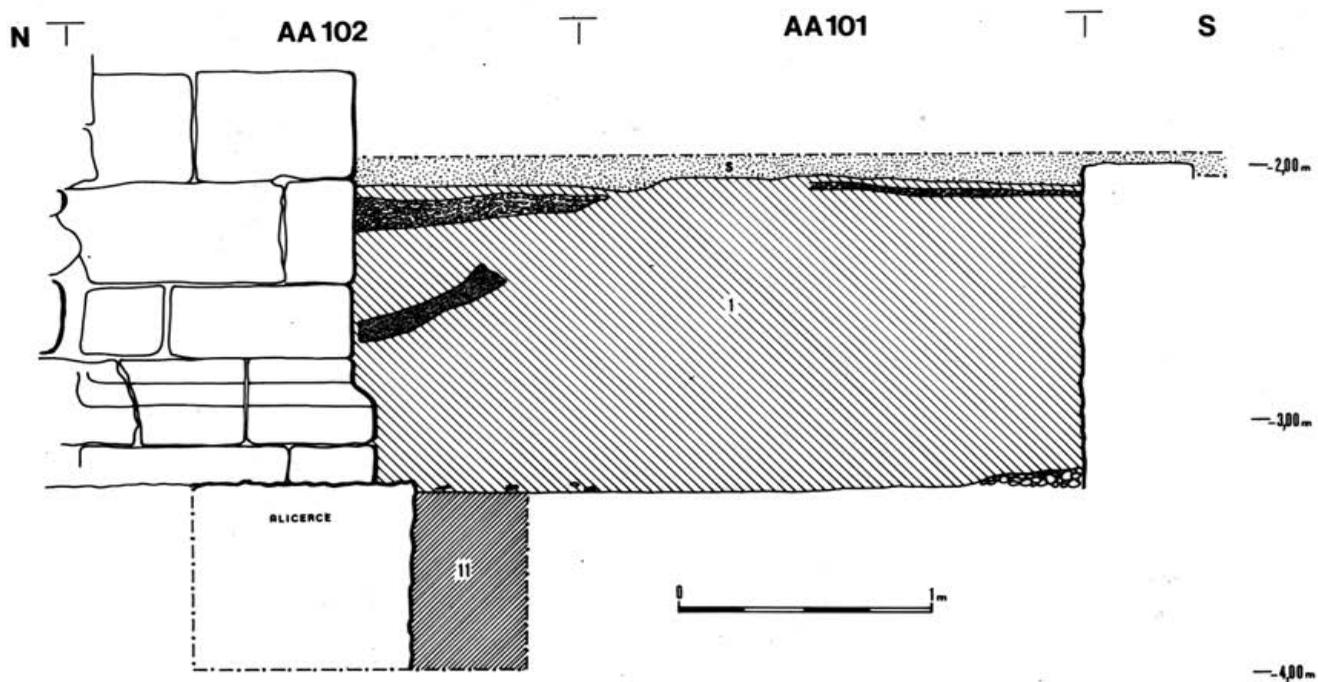


Fig. 7 — Largo de Jesus. Perfil mostrando o enchimento do “fosso” junto do contraforte 6.

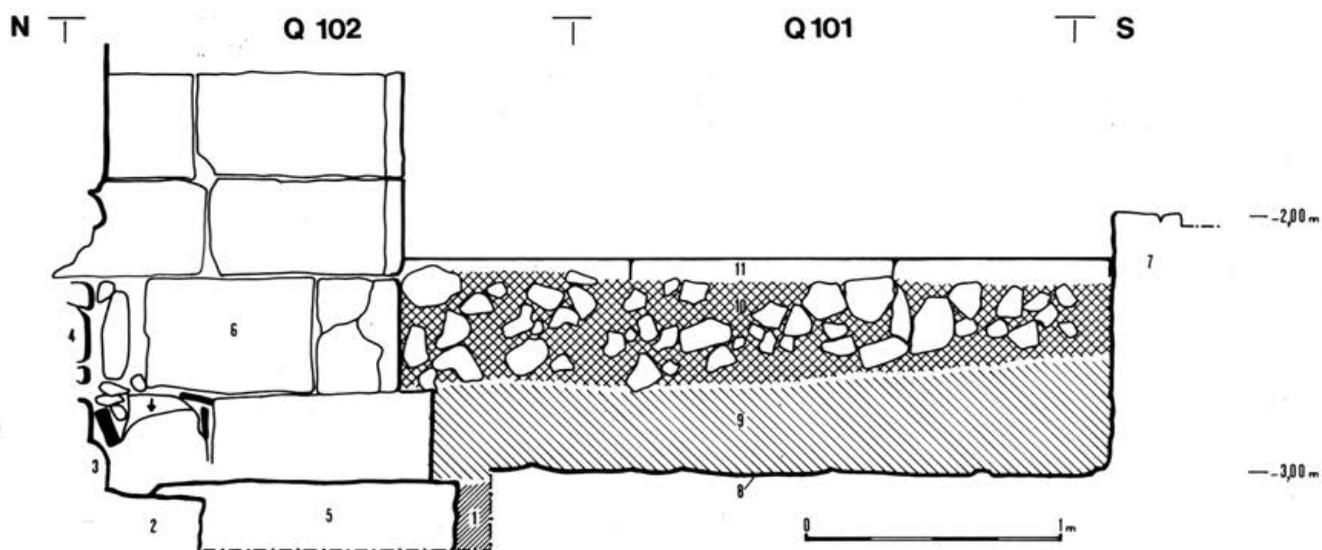


Fig. 8 — Largo de Jesus. Perfil mostrando o enchimento do "fosso" junto do contraforte 3. 1 - C.II sobre a qual foi construída a Igreja; 2 - alicerce da parede do corpo da Igreja; 3 - soco de pedra; 4 - parede do corpo da Igreja; 5 - alicerce do contraforte 3, sobrepondo-se ao alicerce da parede; 6 - base do contraforte 3 que se adossou à parede do corpo da Igreja; 7 - muro do "fosso"; 8 - sub-base, em argamassa de cal e areja, do lajeado do "fosso"; 9 - enchimento do "fosso"; 10 e 11 - enrocamento e lajeado do adro actual construído pela Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais nos anos 40.

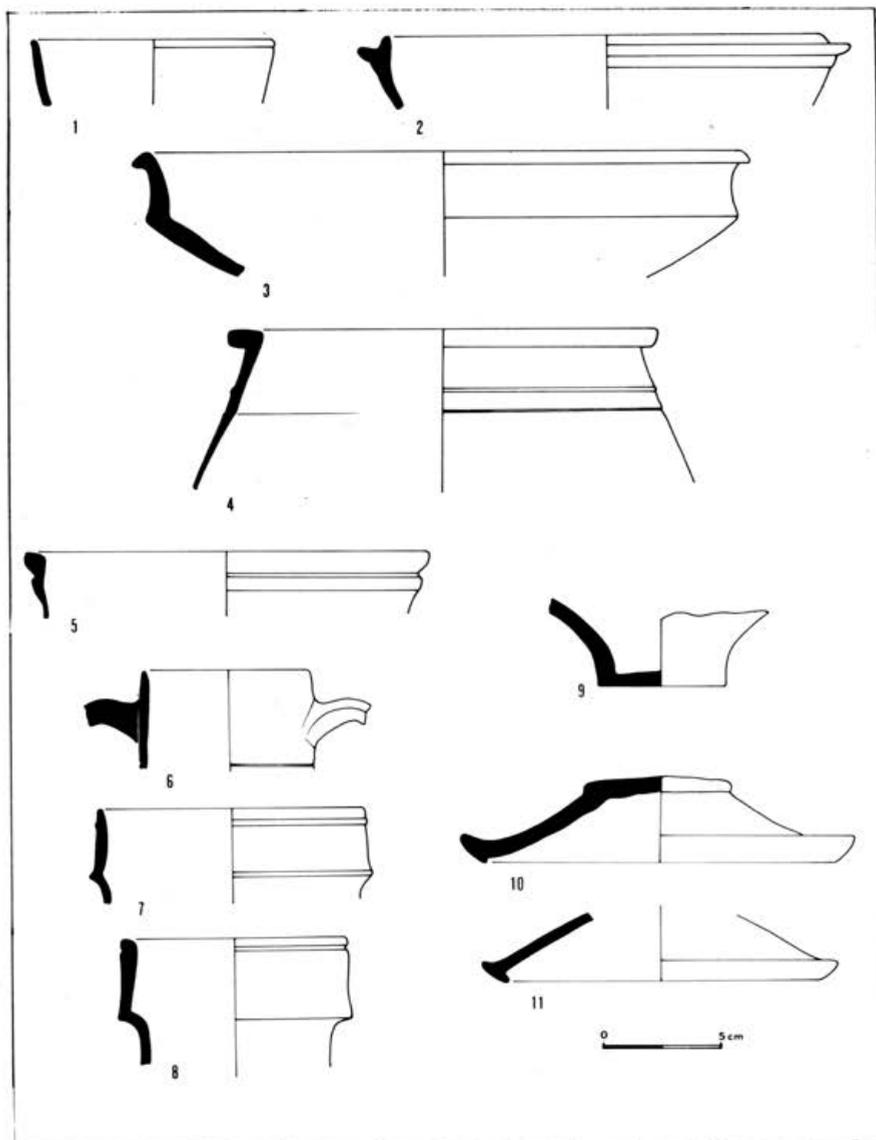


Fig. 9 – Largo de Jesus. Cerâmica medieval da C.12, pertencente a ocupação anterior à construção da Igreja do Convento de Jesus.



Foto 1 — Largo de Jesus. Aspecto da escavação notando-se o muro novecentista que delimitava o “fosso” construído ao longo das fachadas sul e este da Igreja.



Foto 2 — Parte inferior do contraforte 6 (o que estabelece a ligação do corpo da Igreja com a capela-mor), notando-se: o encastramento do contraforte na parede; o soco de pedra da parede, em roda-pé chanfrado, que não foi cortado nem sobreposto pelo contraforte; e o alicerce do contraforte, fazendo corpo com o da parede.



Foto 3 — Parte inferior do contraforte 2. De notar o encastramento do contraforte na parede do corpo da Igreja.



Foto 4 — Parte inferior do contraforte 3, o único da fachada principal que não atinge a cimalha desta, e cuja construção parece integrar uma fase posterior à dos restantes contrafortes e paredes. Com efeito, não se encastra na parede e sobrepõe-se ao soco de pedra da mesma.

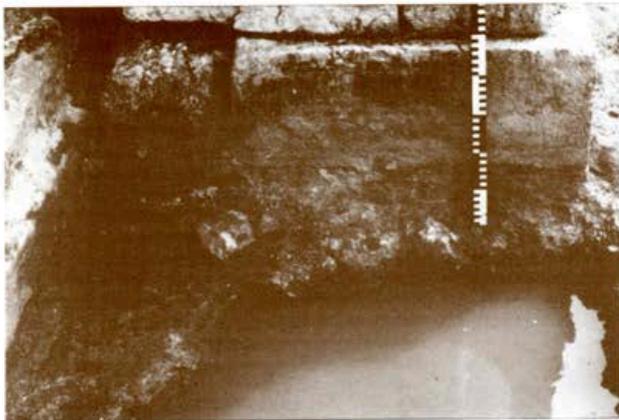


Foto 5 — Parte inferior do contraforte 3. Além dos aspectos assinalados na legenda da foto anterior, é ainda de notar que o alicerce do contraforte não faz corpo com o da parede da Igreja.

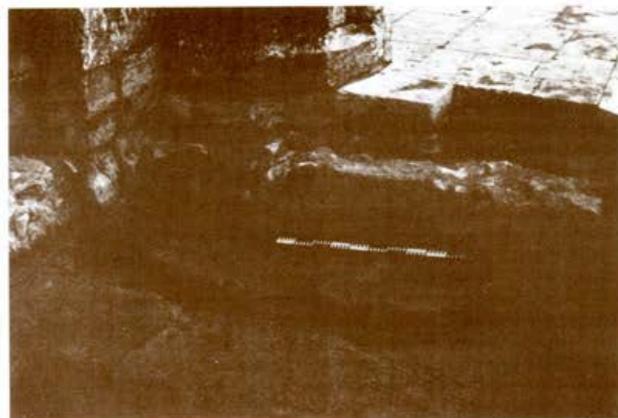


Foto 6 — A base do contraforte que integra o portal da Igreja foi simplesmente adossada ao contraforte 4 e sobrepôs-se ao roda-pé do mesmo.



Foto 7 — Alicerce da caixa da escada de acesso ao coro. Construção dos finais do séc. XVII ou inícios do séc. XVIII.

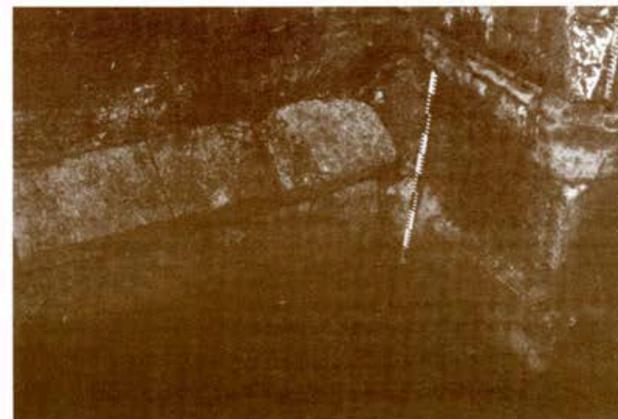


Foto 8 — Soco da parede da capela-mor: não foi cortado nem sobreposto pelo contraforte 8.



Foto 9 — Contraforte 8 e aspecto do imponente soco da parede da Capela-Mor posto a descoberto pelas escavações arqueológicas.